

artigo



RENATO DAGNINO

Vamos queimá-las de novo?

Este artigo, escrito em tom caricatural por um cientista-homem, é sobre gênero e ciência. Seu título contém um dilema a ser enfrentado pelos homens que dominam o processo decisório da ciência contemporânea. Ou condenamos nossas colegas ao mesmo destino daquelas “bruxas” que há centenas de anos desafiaram a ciência oficial, e reforçamos os dogmas da neutralidade científica e do determinismo tecnológico, ou aprendemos com a sua transgressão e adotamos uma visão distinta acerca da Tecnologia. Nosso dilema é claro. Podemos manter esses dogmas e, coerentemente, reviver a idéia conspirativa de que elas ardilosamente querem nos desviar do “bom caminho” da ciência, e queimá-las. Ou podemos nos atrever a queimar as “sagradas escrituras” do positivismo e do cientificismo que hoje impedem a construção do substrato cognitivo do estilo de desenvolvimento alternativo que a maioria da Humanidade sensatamente reclama.

Como se sabe, aquelas mulheres foram queimadas por desenvolverem conhecimentos (conotados

por palavras como alquimia, astrologia etc) que violavam dois postulados basilares da ciência moderna (aquela que nasce com o capitalismo que sacramenta e naturaliza a separação do trabalho manual e intelectual).

O primeiro é que o desenvolvimento da ciência não deve estar submetido a nenhum constrangimento; isto é, que os campos e temas de pesquisa devem ser escolhidos pelos seus praticantes sem levar em conta interesses que não os determinados pela busca da verdade e pelo avanço do conhecimento. O segundo postulado é que o ambiente em que se produz a ciência verdadeira não deve ser contaminado por valores não-epistêmicos, interesses ou preconceitos de qualquer espécie.

A pesquisa sobre gênero e ciência ocupa hoje um lugar de destaque no âmbito dos chamados estudos sociais da ciência e tecnologia (e aproveito para sugerir a leitura da excelente coletânea recentemente publicada por três pesquisadoras do IAPAR). Por ajudarem a compreender aspectos da dinâmica da produção do conhecimento que

vão muito além do que alguns consideram “coisas de mulheres”, seus resultados aparecem em revistas que pertencem ao *mainstream* da ciência e que estão bem classificadas no *science citation index*.

As pessoas que acompanham essa pesquisa concordariam que ela apresenta duas características.

A primeira, que viola o primeiro postulado, é que a imensa maioria dos trabalhos é escrita por mulheres. O que, evidentemente, viola o primeiro postulado. É inverossímil a hipótese de que as mulheres cientistas que escolhem o tema gênero e ciência o façam apenas “em busca da verdade” e do “avanço do conhecimento”. Elas realizam pesquisa científica sobre esse tema por um evidente (e louvável, diga-se de passagem) interesse não-epistêmico: mostrar que a mulher é capaz de produzir conhecimento que, no jargão inadequado mas facilmente inteligível da cienciometria, possui tanta “relevância” e “qualidade” quanto o produzido pelos seus colegas.

Na verdade, seus trabalhos, realizados em vários países e ambientes científicos, têm mostrado –

sistemática e irrefutavelmente – que as mulheres, por serem mulheres, são preteridas na obtenção dos indispensáveis subsídios governamentais para sua capacitação e para a realização de pesquisa, e no acesso às posições mais elevadas da carreira nas universidades e instituições de pesquisa.

Essa segunda característica evidencia um desrespeito ao segundo postulado. Ela mostra que o pretensamente asséptico “mundo da ciência” se encontra “contaminado” com preconceitos de gênero.

O que faz emergir dois importantes balizamentos para a elaboração da política de ciência e tecnologia (C&T). O primeiro, é que muito provavelmente, apesar do que asseguram muitos cientistas, outros preconceitos, valores morais e interesses econômicos estejam também influenciando o desenvolvimento do conhecimento e promovendo a sua permanência e legitimação mediante mecanismos de realimentação intermediados pela tecnociência. E que seja essa influência (que caberia à política pública de C&T contrabalançar) uma das origens da crescente desa-

gregação social, desigualdade econômica e deterioração ambiental que estamos presenciando.

O segundo, é que os partidários de um estilo de desenvolvimento alternativo parecem não ter mais remédio que “contaminar” os ambientes de pesquisa de onde deverá surgir o substrato cognitivo que ele demanda com os valores (cooperação e solidariedade versus controle e subordinação, degradação ambiental versus sustentabilidade, equidade versus competição etc) e interesses (das pequenas empresas e cooperativas versus o das transnacionais etc) que querem ver materializados.

E então? Vamos aproveitar o que nossas colegas estão descobrindo para reorientar a política científica e tecnológica e reprojeter a tecnociência, ou vamos queimá-las de novo?

Renato Dagnino é professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica, do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp

CARTAS

Cápsula do tempo

Em 1991, ano do “lançamento” da cápsula do tempo, eu estava cursando estatística na Unicamp. Depois de pensar desisti de escrever uma carta para o futuro. Passou pouco tempo até meu arrependimento. Há três semanas estava em um churrasco com ex-colegas do curso e veio a conversa sobre quando seria mesmo a abertura da cápsula.

Agora, para surpresa minha, vejo esse conto no *Jornal da Unicamp* (“A cápsula do tempo”, edição 339, especial dos 40 anos). Acho adequado lembrar à comunidade acadêmica a existência da cápsula. O tempo vai passando e, se ninguém comentar, essas coisas caem no limbo, e a Unicamp não merece isso. Parabéns ao jornal pela iniciativa, vocês fazem um trabalho muito bacana.

Estevão Freitas de Souza

Para anunciar disque:

3232-2210
9606-1303

J CPR PUBLICIDADE
E PROPAGANDA
Rua: Barão de Atibaia, 773 - Guanabara



Preservação

Conhecemos o Dr. Laerte Antonio Machado pela ajuda que ele nos dá aqui no condomínio para preservar o pouco que resta da nossa mata. Vendo esta reportagem (“Agente biológico combate praga da cana”, edição 336) ficamos muito felizes em perceber que existem pesquisadores preocupados com o desenvolvimento econômico em harmonia com a preservação da natureza. Este equilíbrio é fundamental.

Saade Hilal,

Condomínio Chácaras São Quirino

Negligência

Tive conhecimento desta matéria (“Porque os sonhos não envelhecem”, edição 320) ao pesquisar na Internet sobre neurocisticercose. Estou escrevendo um artigo (relato de caso) que envolve o assunto e fiquei tocada com a história de Elaine Pereira da Silva. É verdadeiramente revoltante que isso ainda aconteça nos dias de hoje. Mesmo com a evolução tecnológica da medicina, ainda há médicos que descartam exames que fariam o diagnóstico diferencial e precoce. Por negligência? Por vaidade, achando que sua experiência clínica é incontestável e absoluta? A personagem da matéria certamente é uma ótima profissional, pois sentiu na pele as conseqüências do não cumprimento do dever com seriedade e humildade.

Marilene Neto Araújo

PHBV

Meus sinceros parabéns ao professor Nelson Duran e à doutoranda Ana Paula Lemes pela pesquisa sobre PHBV (“Uma embalagem que pode ser plantada junto com as mudas e ainda libera nutrientes”, edição 340). Pesquisas como a deles são reverenciadas por mim, simples cidadão preocupado com o meio ambiente. Sempre tive a opinião de que o ser humano é inviável ao planeta Terra, por conta de todas as atitudes estúpidas que tomamos. Nelson e Ana Paula me fazem acreditar no contrário.

Daniel Ramalheira

Pesquisa e prática

Seria muito interessante que a equipe responsável por essa área na discussão do Plano Diretor da Prefeitura de Campinas, tivesse acesso aos estudos realizados pelo geógrafo Luís Ribeiro Vilela Filho (“Geógrafo mostra relação da história com urbanização com enchentes em Campinas”, edição 338). Eis uma boa oportunidade de colocar em prática pesquisas como essas, tão interessantes e elaboradas dentro de uma das melhores universidades do país.

É uma pena que muitos outros estudos de qualidade raramente cheguem ao poder público, o que dá espaço aos defensores da privatização e do velho discurso da “distância entre teoria e prática”. Parabéns ao *Jornal da Unicamp* por estar sempre divulgando o que de melhor se produz em nossa Universidade: pesquisas de qualidade.

Luciane e Rodolfo

Sobre os desafios da Unicamp

Durante as festividades dos 40 anos da Unicamp, ocorridas no último dia 5, no Centro de Convenções, ex-reitores falaram dos desafios da Universidade no futuro. No texto abaixo, Carlos Henrique de Brito, reitor entre 2002-2005 e atual diretor científico da Fapesp, opina sobre o tema.

A Unicamp tem pela frente o desafio do crescimento da qualificação acadêmica de suas atividades frente a demandas múltiplas da sociedade (por exemplo, mas sem exaurir a lista, mais vagas na graduação, mais leitos no hospital, maior interação com empresas e sociedade, mais extensão comunitária) e frente a uma situação de escassez de dispêndios públicos devida às baixas taxas de crescimento da economia brasileira.

Até hoje a Unicamp tem conseguido compor estas demandas para criar uma “fuga para a frente”, na qual o atendimento às demandas, organizado estrategicamente pela universidade, contribui para que a qualificação acadêmica cresça, e vice-versa. Isso tem ocorrido pois em geral a comunidade de professores da Unicamp e suas lideranças acadêmicas entendem e reconhecem que a missão fundamental da instituição é avançar o conhecimento e formar bem seus estudantes. Fazendo isso cada vez melhor, as demandas referidas acima serão melhor atendidas, umas com maior velocidade outras com menor.

O foco na missão fundamental – avanço do conhecimento e educação aos estudantes, ambos avaliados por referenciais internacionais de excelência – é o que tem garantido o desenvolvimento acadêmico da Unicamp e o atendimento às demandas da sociedade que a financia. Este foco deve ser mantido pois somente uma universidade comprometida com o avanço do conhecimento humano e com a educação de seus estudantes pode contribuir efetivamente para promover o bem estar físico, espiritual e social do ser humano, como se determina em nossos Estatutos, na intensidade e qualidade que se espera de uma instituição como a Unicamp.



UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor José Tadeu Jorge

Vice-reitor Fernando Ferreira Costa

Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva

Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib

Pró-reitor de Pesquisa Daniel Pereira

Pró-reitor de Pós-Graduação Teresa Dib Zambon Atvars

Pró-reitor de Graduação Edgar Salvadori de Decca

Chefe de Gabinete José Ranali

JORNAL DA UNICAMP Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. Correspondência e sugestões Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3521-5108, 3521-5109, 3521-5111. Fax (0xx19) 3521-5133. Homepage <http://www.unicamp.br/> imprensa. E-mail imprensa@unicamp.br. Coordenador de imprensa Eustáquio Gomes. Assessor Chefe Clayton Levy. Editores Alvaro Kassab e Luiz Sugimoto. Redatores Carmo Gallo Netto, Isabel Gardenal, Jeverson Barbieri, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. Fotografia Antoninho Perri, Neldo Cantanti. Edição de Arte Oséas de Magalhães. Diagramação Andre Luis Amarantes Pedro, Luis Paulo Silva. Arquivo Antonio Scarpineti. Serviços Técnicos Dulcinéia B. de Souza, Edison Lara de Almeida e Hélio Costa Júnior. Impressão Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. Publicidade J CPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3232-2210. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assinaju